

## ENTREVISTAS

### ELY ARAÚJO<sup>1</sup>

Naquele tempo eram três anos de bacharelado. Estudei em 43, 44, 45, daí saí Bacharel, mais um ano de didática e saí professora, e depois mais um. Naquele ano foi o primeiro que começou o que seria hoje o mestrado, chamava-se especialização, que eu fiz também. Então eu saí da faculdade mesmo em 47, porque eu fiz um ano de didática em 46, e mais um ano de especialização em 47. Quem nos orientava era o (Pierre) Monbeig, em Geografia Humana e o professor João Luiz da Silveira em Geografia Física. Quando o Monbeig foi embora, o Ary França ficou em seu lugar. Tinha também os assistentes em Geografia do Brasil.

As aulas eram em francês. Foi meio difícil, mas eu pessoalmente tive (francês) no ginásio, quem vinha do ginásio pequenininho lá no interior aprendia francês. A professora de francês foi muito boa, interessante, a professora que era arrebanhada ali na própria cidade, quando o ginásio se fundou, eu fui da primeira turma do ginásio e ela era uma costureira síria, mas que tinha sido educada na França, então ela dominava o francês e tinha muita didática pra ensinar. Não tinha formação nenhuma, mas era excelente professora, então eu saí do ginásio com uma base boa de francês. E quero dizer que quando enfrentei essas aulas eu conseguia (entender) mais ou menos, à custa de dicionários, de ficar na biblioteca procurando, lendo os livros pra fazer os trabalhos, e tudo isso, aos trancos e barrancos, mas ia. (risos) O Monbeig deu aula até o fim em francês.

---

<sup>1</sup> Geógrafa, mulher do professor José Ribeiro de Araújo Filho, da Universidade de São Paulo. Entrevista realizada em 16 de novembro de 2004, por Lais Mourão e Govinda Terra.

Agora, nas reuniões, quando ele fazia palestras, depois de certo tempo ele já falava português, mas nas aulas enquanto eu fui aluna era tudo em francês. Mas os professores tinham assistentes; a Nice era a assistente do Monbeig, o Ary era assistente do Silveira (o Professor João Dias da Silveira), a Conceição Vicente de Carvalho era assistente dele também. E agora logicamente eu acredito que eles faziam o trabalho de correção junto com o professor. A gente não sabe se era isso mesmo porque eram notas, e ele era duro pra dar nota que era um negócio! Quando ele dava 6,0, era uma nota maravilhosa, era a nota mais alta da classe! Eles eram muito rigorosos.

A bibliografia que nós precisávamos também era toda em francês. Acho que até hoje é assim que se faz. Vidal de la Blache e esses professores. Eles tinham um relacionamento muito bom com os alunos porque as turmas eram bem pequenas. Não sei hoje como funcionam as coisas, e esses professores primeiros chegados, não era só na geografia, mas eles estavam também em vários outros departamentos.

Aliás, naquele tempo não eram nem departamentos, eram cadeiras isoladas. Eles davam aula em francês, e nós, recém saídos do ginásio, vindos do interior, sentávamos lá para ouvir uma aula toda em francês, mas a gente conseguia sobrepujar todas essas dificuldades, consultando toda a bibliografia (estava tudo em francês) e dominando mais ou menos a língua.

Eles se adaptaram muito bem ao Brasil. E deixaram discípulos. Como o próprio Araújo, o Aroldo de Azevedo, o João Dias [da Silveira]. E o primeiro que veio não foi o Monbeig, foi o Martonne (O Professor Emanuel D'Martonne). Já o Deffontaines também ficou pouco tempo. Ele veio e passou rapidamente e depois foi contratado pra ficar. Ele era recém-formado na França, mocinho, mas era uma criatura extraordinária. Foi um dos grandes nomes da Geografia. Ele era um professor alegre, falante, muito amigo dos alunos. Todos os outros que vieram também, o Roger Dion, o

Pierre Gorou, vieram e se entrosaram muito bem dentro do Brasil como professores.

Quando entrei havia aquela cadeira de geografia humana e geografia física, depois nós tínhamos geologia, tínhamos antropologia e quem lecionava era o Willems (O Professor Emilio Willems). E tínhamos Tupi (A língua Tupi), e tinha toda aquela parte de história também. Tínhamos história do Brasil, história americana, que era a dos Estados Unidos. A história do Brasil era com o Doutor Hélio Losângelo (?).

Tinha a Gê (?) que dava aula de Europa, falava sobre a idade média, ou coisas assim. E o grande professor que marcou profundamente foi o Eduardo de Oliveira França<sup>2</sup>. Ele dava história antiga, grega e romana, era um professor extraordinário! A gente se apaixonava pela matéria, pela história grega; muitos anos depois, quando eu estava formada, a gente foi para a Grécia, meu Deus do céu o que a gente lembrava do França! Porque ele representava praticamente toda aquela vida grega da época clássica, então ele foi um professor extraordinário.

Um que dava aula muito bem era o Diogo Monteiro de Barros, professor de Geografia do Brasil. Ele está com noventa e poucos anos. Esse é o único que está vivo daquela turma. Eu li uma notícia no jornal, ele fazendo uma palestra na Academia Paulista de Letras, ou coisa assim. Ele dirigiu muito bem (o curso) quando foi para Campinas, e ficou na Puc de lá. Não dá pra saber muitos detalhes porque tenho que passar tudo pela minha memória.

Nós éramos do diurno, naquele tempo não existia curso noturno, o curso noturno foi instituído muito tempo depois. Nós tínhamos aula no Caetano de Campos, onde no terceiro andar funcionava a faculdade de humanas. Eram letras, geografia, história, sociologia. A faculdade (a USP) naquele tempo estava

---

<sup>2</sup> Professor Emérito da FFLCH, titulado em 1994.

esparramada por várias áreas em São Paulo, a Cidade Universitária ainda não existia, claro. E tinha a Alameda Gleite, onde funcionavam as ciências biológicas. Então tinha biologia, geologia. A parte de Matemática e Física eu lembro que funcionava aqui perto da Avenida Paulista, no Paraíso, por ali. Então não havia uma faculdade, embora a Faculdade de Filosofia já existisse desde 34, os vários setores estavam esparramados pela cidade de São Paulo. Antes da Maria Antônia, ela esteve em Higienópolis durante muito tempo, mas eu não era mais aluna.

Era um casarão adaptado em Higienópolis, depois foram para a Maria Antonia, se juntaram mais os setores, mais seções da faculdade, era um local maior. Depois, de vez em quando eu me tornava aluna, porque depois de casada com ele (com o professor Araújo) eu tinha que constantemente assistir palestras e reuniões. Tudo que acontecia na faculdade eu estava envolvida. E depois da Maria Antonia, a faculdade foi para a Cidade Universitária. E durante um tempo ela ainda funcionou no antigo prédio da reitoria, não tinha o prédio da geografia.

Quando eu entrei, a Faculdade de Geografia já existia havia nove anos. Eu fui aluna do Aroldo de Azevedo, mas não no 1º ano, ele deu aula só no 3º. Já o João Dias da Silveira, com seus assistentes, dava aula já no primeiro ano. Na época a Geografia Física tinha duas assistentes mulheres: a Emilia de Oliveira Santos e a Lurdes Rabesca. E as assistentes de Monbeig eram as que davam aula em português, logo nos primeiros anos, claro. Eram a Lúcia Assunção e Maria Inês. Nessa época ele estava fazendo a tese dele, então ele usava muitos alunos para fazer pesquisa. O relatório dele foi sobre o clima na bacia de São Paulo.

Então ele nos mandava para essas instituições ligadas ao governo, para colher dados de clima. Ele não chegou a dar aula para a gente, ele nos usava nas aulas práticas para discutir problemas de clima, disso e daquilo, dentro de sua tese.

No trabalho de campo os professores saíam orientando o que a gente tinha nas aulas. Vamos supor, com o Monbeig, logo no primeiro ano, fizemos muitas discussões. Eu me lembro muito bem uma que a gente fez em Paranapiacaba: pegamos o trenzinho, descemos no alto da serra ali e andamos por aquelas trilhas, aqueles caminhos. Eu me lembro que o Monbeig ficava bravo que algumas das alunas, por exemplo, inexperientes, iam de salto alto (risos), era difícil! Uma delas era muito elegante, muito bonita. Acabou até se casando com o Mainardi de Araújo, que foi um antropólogo. Ela estava muito bonita na excursão e o Monbeig esculachou com ela (risos). Que ela estava vestida de uma forma extrovertida. E ele ficava bravo porque aquele não era jeito de se fazer excursão, tinha que se meter de uma forma mais esportiva e tudo. Ele dava aulas diante da natureza ali. Explicava todo o relevo, a parte de vegetação, de clima, a ocupação humana, ele fazia isso dando aulas, e muitas vezes a gente fazia excursões para depois fazer relatórios e entregar e ele tinha visto e tudo isso.

Os professores usavam muito os alunos para coletar dados e ao mesmo tempo aproveitavam aquilo para as aulas práticas que a gente tinha no campo. Isso foi com o Aroldo, e o Araújo fez muito também, que a primeira tese dele foi sobre Itanhaém, quando ele levou muitos alunos pra lá. O Ary, esse que levantou dados sobre a bacia de São Paulo, todos eles carregavam os alunos, quando não mandavam aqui dentro de São Paulo coletar nossas reflexões conjuntas, necessárias. A gente aprendia muito.

Eu lembro quando o Aroldo dividiu as turmas. Eu e mais uma amiga, colega de classe, fomos designadas a ir para Bopouva, que era um bairro de Guarulhos, na zona leste. A gente pegava o trenzinho da Cantareira, eu e ela, isso já no terceiro ano. E tinha a orientação do professor que dizia o que a gente deveria fazer no projeto, plano de trabalho e tudo aquilo. Saíamos com aquilo, eu lembro que era um local absolutamente desértico, a

gente andava, andava e danada pra se perder (risos), e pra fazer um relatório depois do que a gente tinha visto, e era uma área bem vazia de ocupação humana, e nós duas pegávamos o trem na Cantareira e descíamos na própria estação de Bopouva, passávamos um dia andando por aquelas estradinhas, fazendo a coleta de dados, fazendo pesquisas, inquéritos, perguntas e o que a gente encontrava, alguma coisa assim.

Eu lembro de uma fábrica que encontramos, ficamos felizes e fomos lá. Era uma fábrica de lixa, e aí fomos pra lá e vimos o que era produzido, para onde era vendido, essas coisas todas. Eram essas lixas industriais, e por isso nossos horizontes se abriram de uma maneira assim maravilhosa. A gente participava, entrava dentro do ambiente geográfico. Que eu me lembro muitas vezes onde eu, a Marli (colega dela de sala) lá em Bopouva. A gente tinha um projeto de trabalho e íamos a campo procurar as coisas que se precisava, depois discutíamos o assunto com o professor e trazíamos o material, fazíamos o relatório do que tínhamos visto e depois ele reunia, juntava o grupinho de alunos que ele tinha designado à determinado local. E o pessoal entregava o relatório do que tinha visto, as conclusões que se chegava e ele discutia conosco. Era um trabalho gostoso de se fazer.

Já o professor Araújo, fui aluna dele já no terceiro ano e foi quando a gente acabou se conhecendo e acabamos nos casando no ano seguinte, em 46. Eu fui aluna dele em 45 e ele era um dos assistentes do Aroldo. O Aroldo desse tempo, quando ele estava dando aula pra gente, não tinha feito sua tese ainda. Porque os dados da zona leste de São Paulo, da Zona Oriental de São Paulo, uma das coisas que queríamos era ajudar ele na pesquisas. Fazer perguntas e dividir as turmas que ficavam nos locais, nas olarias. Naquele tempo tinha muita olaria naquela região leste.

Tem até uma história... No ano em que o professor Araújo se formou ele gostava muito do que fazia, tanto que ele se candidatou a ser assistente, porque o Aroldo não tinha nenhum.

A cadeira de geografia do Brasil tinha sido criada. Ele se formou em 42, não tenho certeza, ele entrou na faculdade no final da década de 30. A cadeira precisava de assistente, e ele se candidatou. Naquele tempo não tinha título nenhum, eram as notas mesmo do departamento. Ele já era professor secundário, ele dava aula em alguns colégios aqui em São Paulo e se candidatou. Então o dono da cadeira que ainda não era um catedrático porque o Aroldo era apenas contratado, comparou os candidatos e acabou escolhendo o Araújo, que se tornou assim o primeiro assistente. Alguns anos depois foi o Penteado (?) escolhido também. Então ficavam os dois na cadeira. E aí muito tempo depois é que veio essa obrigatoriedade do assistente fazer a tese. Subir todos os degraus, naquele tempo seria a tese de doutoramento, que ele (o Professor Penteado) fez orientado pelo próprio Araújo, que era o da cadeira. Depois fez a Livre-docência, que aí não tinha orientador, era ele próprio que fazia o trabalho. Ele fez três teses, era o Doutorado, depois ele fez a última tese dele para uma pasta acadêmica.

Ele era professor catedrático, que hoje não existe mais. Ele fez a tese de Itanhaém para Doutorado, depois fez a tese sobre a Baixada Santista ligada ao porto de São Sebastião, que foi a de Livre-Docência. E depois quando a cadeira catedrática vagou, fez outra tese, sobre o porto de Vitória.

Em 76, nós passamos dois meses na Europa, junto com o Ary França, a passeio, a Conceição Vicente de Carvalho e a irmã dela. Como o Monbeig naquela época tinha tido um enfarte, a gente passou por Paris e ele estava hospitalizado. Aí nós fomos para a Grécia e na volta passamos novamente por Paris. Ele já estava bem, já estava refeito. E havia um professor Francês também com quem nós viajávamos muito, mas isso foi há tanto tempo, foi o Jean Roche, que era um professor de Porto Alegre, que dava aulas lá (na UFRGS), e esse viveu dez anos trabalhando no Brasil, lá em Porto Alegre, tanto que ele se considerava gaúcho.

## BRASÍLIA, 1967

Acervo CAPH/FFLCH-USP



Entrega de credenciais do Congresso de História e Geografia. No balcão estão os professores, da esquerda para direita: Ary França, Raul de Andrada e Silva e José Ribeiro de Araújo Filho